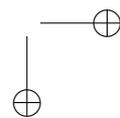
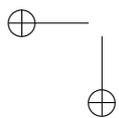
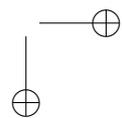
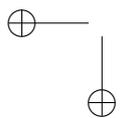
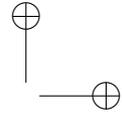
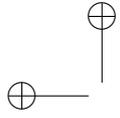
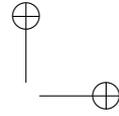
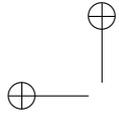


# Visitações ao fantástico

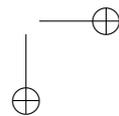
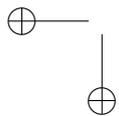






# Visitações ao fantástico

**Alessandra Balbi**  
**Francisco Caruso (Org.)**  
**Cecília Costa**  
**José Alexandre da Silva**  
**Mirian de Carvalho (Org.)**



Copyright © 2023 os autores

1ª Edição

*Direção Editorial: José Roberto Marinho*

*Projeto gráfico e diagramação: Francisco Caruso*

*Capa: Fabrício Ribeiro*

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do  
Acordo da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Balbi, Alessandra

Visitações ao fantástico / Alessandra Balbi, Cecília Costa, José  
Alexandre da Silva; Mirian de Carvalho, Francisco Caruso (orgs.).  
– São Paulo: Livraria da Física, 2023.

ISBN 978-65-5563-352-8

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras 3. Ensaio brasileiro  
4. Prosa poética 5. Relatos pessoais I. Costa, Cecília. II. Silva,  
José Alexandre da. III. Carvalho, Mirian de. IV. Caruso, Francisco.  
V. Título.

23-165519

CDD-B869

*Índices para catálogo sistemático:*

1. Literatura brasileira B869

ISBN 978-65-5563-352-8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra  
poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios  
empregados sem a permissão da Editora. Aos infratores  
aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106  
e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.**

Impresso no Brasil

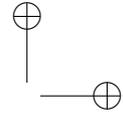
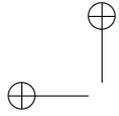
Printed in Brazil

Editora Livraria da Física

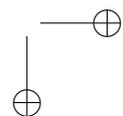
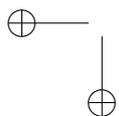
Tel./Fax: +55 11 3459-4327 / 3936-3413

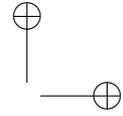
[www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br)

[www.lfeditorial.com.br](http://www.lfeditorial.com.br)

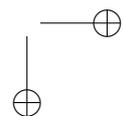
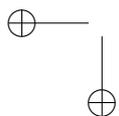


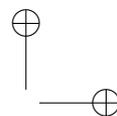
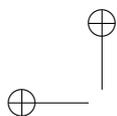
<b>Apresentação</b>	<b>xiii</b>
<b>Kafka em meus sonhos</b>	<b>1</b>
<b>Entrega das compras</b>	<b>7</b>
<b>Asas de besouro</b>	<b>13</b>
<b>Um senhor na mesa ao lado</b>	<b>19</b>
<b><i>Sagitarius</i></b>	<b>25</b>
<b>Completar uma coleção vale uma vida?</b>	<b>39</b>
<b>O francês perdido em Vila Isabel</b>	<b>49</b>
<b>O relógio roubado</b>	<b>55</b>





<b>O aviso das cartas</b>	<b>61</b>
<b>A bruxa e Sininho</b>	<b>71</b>
<b>O Renato nosso de cada dia</b>	<b>79</b>
<b>Insólito Ano-Novo</b>	<b>85</b>



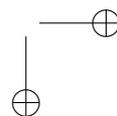
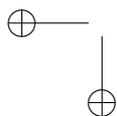


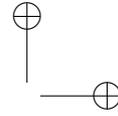
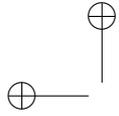
## Apresentação



há mais de duas décadas, Francisco Caruso e eu trabalhamos em projetos relacionados à Ciência, à Filosofia e às Artes. Dessa vez, a partir do escrito intitulado “Completar uma coleção vale uma vida?”, de autoria de Caruso, decidimos envierdar pelo campo da criação literária. Enviei-lhe, na mesma linha do fantástico, alguns textos de minha autoria. Trocamos ideias sobre a publicação de uma coletânea temática. *Site? Blog? E-mail? Zap?* Mas, pelo fascínio que o livro impresso exerce sobre nós, foi esse o meio escolhido.

O fantástico, o maravilhoso, o encantatório, o lendário, entre outros meandros do onirismo, habitam a Literatura e as outras Artes. Fonte originária da criação literária, a imaginação mobiliza a linguagem, para dizer algo percebido – sob um ângulo particular – e jamais, antes, dimensionado por outrem. Assim, o escritor fala ao leitor e iniciam-se diálogos que não findam.

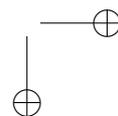
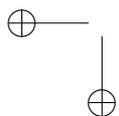




Buscando unidade quanto ao viés delineado por nós, convidamos outros autores, que têm afinidade com a temática, para participar do projeto. Dessa reunião de textos, surgiu *Visitações ao fantástico*, coletânea que acolheu gêneros literários diversos, tais como: conto, crônica, pequeno ensaio, história curta, relato pessoal, prosa poética. Quanto aos temas, incluem-se: coleções; cartas do tarô; Ano-Novo; sonhos; cultos religiosos; signos do zodíaco, e até o tenebroso “real-surreal” na rotina de uma Delegacia. Tais motivos, e muitos outros, mobilizaram a imaginação dos autores, para narrar o que viram, o que não viram, o que sonharam, enfim, o que vivenciaram, a partir da imaginação reunindo realidade e devaneio nas sutilezas da escrita.

**Mirian de Carvalho**

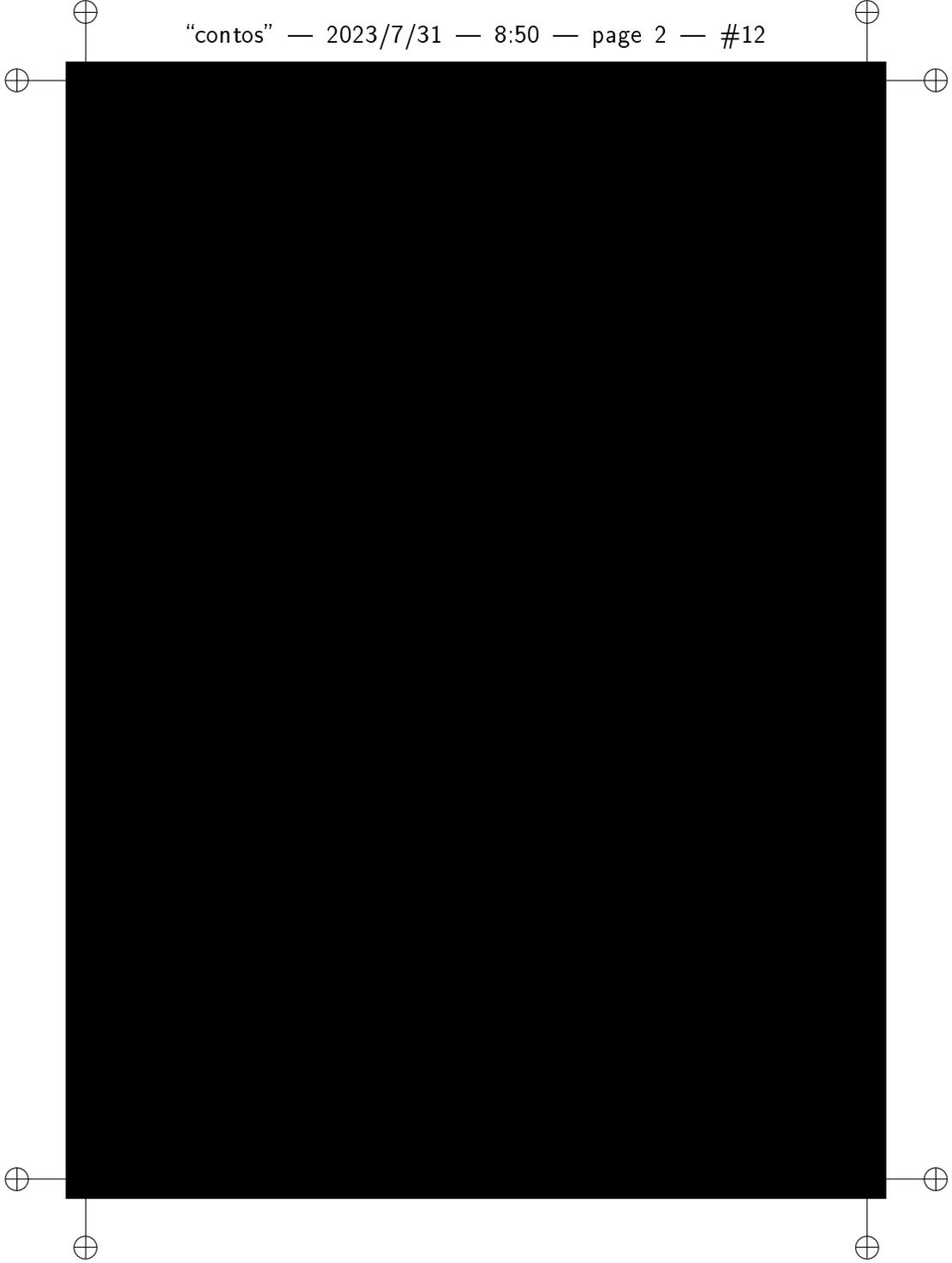
Rio de Janeiro, 21 de julho de 2023.



**1**

# **Kafka em meus sonhos**

**Mirian de Carvalho**

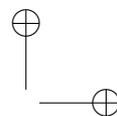
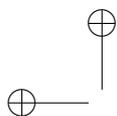




Entramos numa confeitaria na Cinelândia. Com o frio e o temporal da tarde, bem-vindo o chocolate entre imagens de sonhos de hoje e de antes. Sob a marquise, nos abrigamos em frente à bilheteria do Teatro Municipal, Sonhos de uma noite de verão, coreografia de George Balanchine. Chovia muito. Nessas horas o guarda-chuva sempre emperra. Dois homens conversavam próximo: *E O Processo?* Época da Primeira Guerra. Hoje. E em muitos lugares.

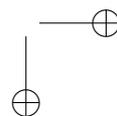
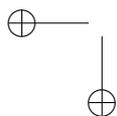
Era domingo. Íamos a Santa Teresa visitar um amigo de meu pai. Esperando que o aguaceiro estivesse, voltamos para o carro estacionado em frente ao teatro. Perto, alguém cantarolava: *Cómpreme usted este ramito / Cómpreme usted este ramito*. Antes do temporal, Kafka entregara um raminho de flores à bailarina Eduardowa. Ah! Miosótis!. A personagem do sonho do escritor prendera as flores na gola do casaco e, apressada, saíra correndo. Ia pegar um trem na esquina da Araújo Porto Alegre.

Na véspera, terrível insônia. Querendo abrigar-se da chuva, Kafka subiu a escadaria do teatro e sentou-se no patamar, sob um beiral. Cabeça apoiada numa pilastra, ali dormiu. Ao olhar-lhe o rosto tranquilo, ninguém adivinharia



pesadelos não registrados nos livros. Entre imagens repetidas, outro assassinato. E aguda voz *over* repetindo: Foi ele. Foi ele. Foi ele. Acusado de quê? Ninguém sabe. Continuei olhando pelo vidro. Terríveis imagens. O rosto continuava calmo, mas Kafka estremeceu ao iniciar uma carta ao pai: “Diante de mim, o tempo autoflagela invisível corpo. Sonhar se faz tempo do imprevisível enquanto a razão escava teoremas não demonstrados”. Aguda e inquisidora, aquela *voz over* no sonho de Kafka me perguntou como eu podia saber disso tudo. Ora, todo sonho se faz adivinhação.

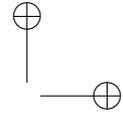
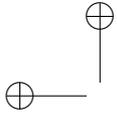
Íamos sempre, eu e meu pai, à Casa Mattos. Depois, seguíamos andando até à confeitaria, na Cinelândia. Sorvete com calda de chocolate, uma festa! Como chovesse muito naquele dia, deixamos o carro perto e pegamos o bondinho. Dormindo no patamar do Teatro Municipal, Kafka permaneceria nos meus sonhos. E, nesse mesmo dia da visita ao Dr. Carlos, eu, em carne e osso, me transformei em meu pai. Mas não foi só isso. Em simultaneidade, ele era eu, ainda criança. Está demorando a chegar. Eu, adulto, junto a meu pai, menino, segurei-lhe a mão. Descemos em Santa Teresa. Tudo tão familiar e estranho, meu pai ou meu filho perguntou: está



perto? Atravessamos a Almirante Alexandrino. No alto da ladeira, o chalé parecia solto no ar. Ih! Telhado amarelo! Continuava chovendo. E esse guarda-chuva que não serve pra nada! No meio de uma poça d’água, tão logo vi minha imagem desfeita pelo vento, enorme cratera se abriu. Transbordando, um alagado cheio de animais. Olha só, papai, é aquele bicho do mar! Polvos-gigantes.

Sem que tivéssemos tempo de dar um passo, um animal saltou em direção a nós. Podia paralisar nossos corpos. Ou podia nos estrangular. Como seria morrer numa queda? Como seria morrer? E desaparecer? Acusado de quê? De pegar o bonde? De subir a ladeira? Foi ele. Foi ele. Foi ele. Na época da Primeira Guerra? Hoje? O animal voltara ao fosso. Entre medo e vertigem, subimos a ladeira. Portão sem trinco, chegamos à varanda do chalé. Porta da sala aberta, sentado na poltrona Dr. Carlos dormia. De perto, reconheci em seu rosto a fisionomia de Kafka. Era Franz. Cabelos escuros. Rosto pálido. Testa inquieta. Igual à imagem da gravura que papai dizia ser de Jan Hladik. Papai, ele está diferente. E os óculos do vovô.

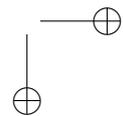
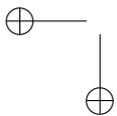
Olhei outra vez. Então reconheci a fisionomia de meu avô no rosto de Kafka. Depois, o rosto de



meu pai no semblante do escritor. E meu rosto no rosto de papai. Mas os corpos eram distintos. No quarto, algo parecido com um gramofone repetia texto de Kafka: “A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar.” Eu, adulto. Papai, menino. Meu avô. Dr. Carlos. Kafka. Naquela sala, todos compartilhávamos a mesma existência. Kafka sonhava águas que marejavam sons de carrilhão ou de sinos marcando quatro horas. E seus pensamentos perseguiram ponteiros perdidos no ponto de partida.

A mesma voz inquisidora me perguntava outra vez: Como você sabe disso? Dei de ombros. No quarto, aquele som que parecia vir de um gramofone anunciava: À urdidura do remoto, recorro às metamorfoses. Ao fundo, no espelho da sala, imagens difusas. Dentro do cristal, alguém, que eu não podia ver, nos contemplava. Se nos reconhecia, não tenho como saber.

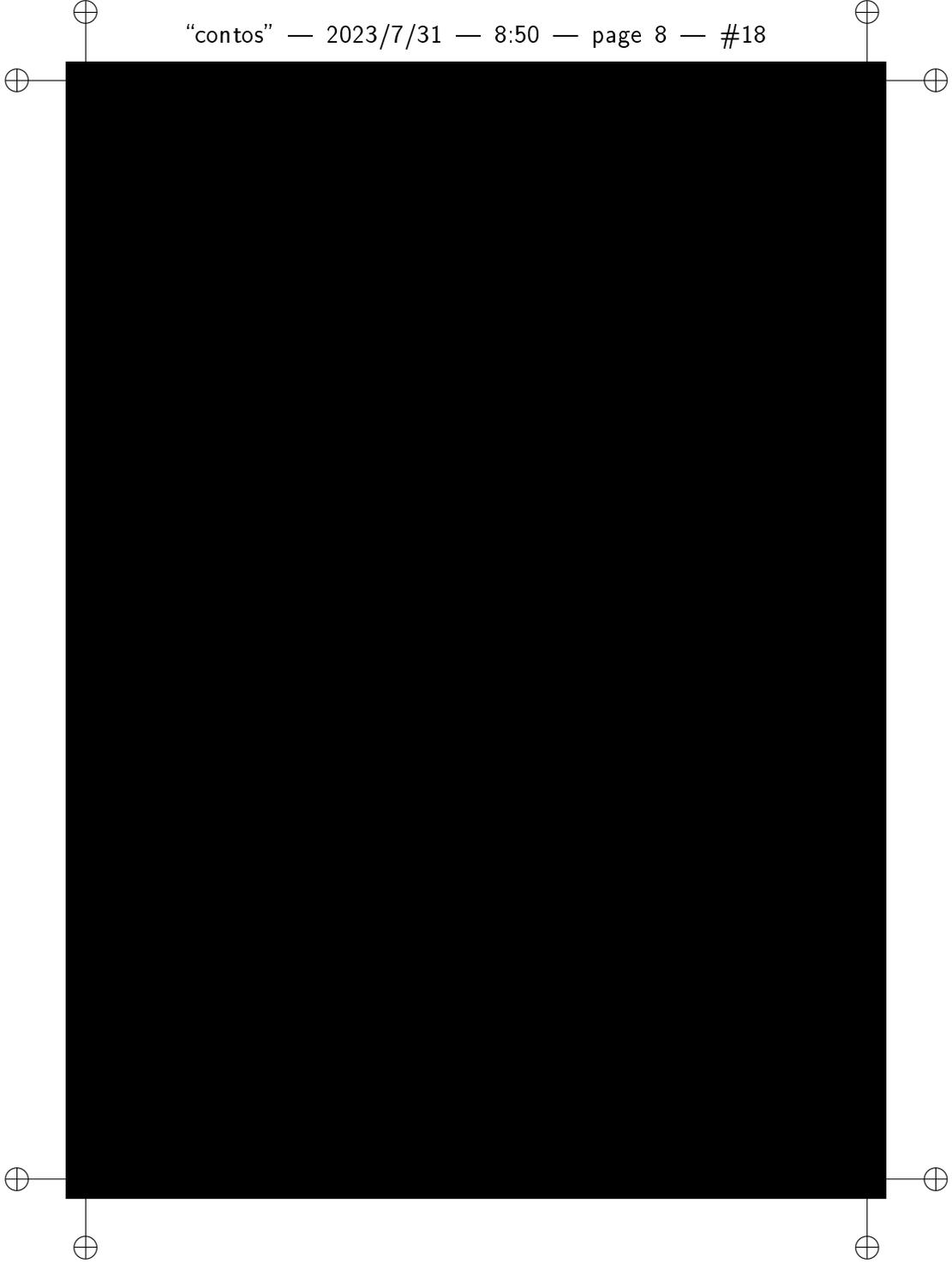
A chuva continuava forte. Permaneci na confeitaria Cavé. Desejei a festa. Sorvete. Calda de chocolate. Bastante creme. Enquanto a água começava a subir o meio-fio, ouvi alguém na mesa ao lado: O tempo, sempre o tempo. Quando a gente tem pressa, ele se debate em clausura. E a imaginação jogando cartas com o incerto. Acusado de quê? Ninguém sabe.



**2**

# **Entrega das compras**

**Mirian de Carvalho**





Realizada a entrega, o fato me lembrou “O Almocreve”, de Machado de Assis. Ao ser salvo de um acidente, o personagem do conto doaria uma moeda de ouro ao seu benfeitor. Passado o susto, pensou em dar uma moeda de prata. Ao fim do caminho, entregou-lhe só uma moeda de cobre. Assim é o mundo. Assim é a cidade. A cidade me atropela. Acontece o mesmo com o interior. O tempo se reserva ao instante. Confunde-me a idade das coisas infinitas. E o cotidiano também. Eu ia até mandar uma carta para a Folha pra denunciar exploração de menores. Às vezes quero salvar o mundo. E não sei por onde começar. Às vezes sei. Por isso de vez em quando viro a mesa.

Era dia santo. Me disse o gerente do supermercado que um funcionário faria a entrega mediante pagamento de uma taxa. Combinei o preço. Iria eu pra casa a pé e o rapaz de triciclo levaria as sacolas de compras. Batata. Açúcar. Café. Plantas. No conjunto, um peso enorme. Na porta do supermercado, José esperava para seguir comigo. Mas cadê o triciclo? Adolescente magrinho. Sotaque nordestino. E forças além das suas forças pelas ruas esburacadas. Com o feriado, foram-se pelos ares as comodidades da entrega anunciada pelo gerente. Nada de triciclo.

Estava lá o carrinho velho. Enferrujado. Rodas emperradas.

Segui ao lado dele. Calçamento desnivelado. Água empoçada. Entre solavancos e tropeços, José suspendia o carrinho para subir e descer o meio-fio. Vou pagar o dobro do combinado, pensei. E vou escrever pro Ratinho pra denunciar as péssimas condições de trabalho naquele supermercado. Suando a mais não poder, José cumpria sua tarefa.

Tantas ruas, meu Deus! Marquês do Paraná. Cruz Lima. Fernando Osório. O supermercado ia ficando para trás. Atravessamos a Paissandu, a Barão do Flamengo. Indiferentes ao cansaço do José, as esquinas iam passando por nós.

Chegando ao calçadão da Praia do Flamengo, o carrinho rangia sobre as pedras portuguesas. Pensando bem, José merecia o triplo do que fora combinado. E vou mandar carta também pro Silvio Santos, denunciando o supermercado. Chaves na mão, ao me virar pra avisar que minha rua era a próxima, cadê o carrinho? Cadê José? Olhei pra trás. Em vez do José, um homem vestido de cinza empurrava uma padiola com um caixão. É o José, me disse o padioleiro. Esfreguei os olhos. Seria o supermercado uma dependência do inferno? Dentro do esquife balançando pela